

**XXX CONGRESSO NACIONAL  
DO CONPEDI FORTALEZA - CE**

**GÊNERO, SEXUALIDADES E DIREITO I**

**YSMÊNIA DE AGUIAR PONTES**

**THIAGO ALLISSON CARDOSO DE JESUS**

**LIVIO AUGUSTO DE CARVALHO SANTOS**

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

**Diretoria - CONPEDI**

**Presidente** - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

**Diretor Executivo** - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

**Vice-presidente Norte** - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

**Vice-presidente Centro-Oeste** - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

**Vice-presidente Sul** - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

**Vice-presidente Sudeste** - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

**Vice-presidente Nordeste** - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

**Representante Discente:** Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

**Conselho Fiscal:**

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

**Secretarias**

**Relações Institucionais:**

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

**Comunicação:**

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

**Relações Internacionais para o Continente Americano:**

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

**Relações Internacionais para os demais Continentes:**

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

**Eventos:**

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

**Membro Nato** - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

G326

Gênero, sexualidades e direito [Recurso eletrônico on-line] Organização CONPEDI

Coordenadores: Livio Augusto de Carvalho Santos; Thiago Allisson Cardoso de Jesus; Ysmênia de Aguiar Pontes. – Florianópolis; CONPEDI, 2023.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-889-9

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Saúde: Acesso à justiça, Solução de litígios e Desenvolvimento

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Direito. 3. Gênero e sexualidades. XXX Congresso Nacional do CONPEDI Fortaleza - Ceará (3; 2023; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



# **XXX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI FORTALEZA - CE**

## **GÊNERO, SEXUALIDADES E DIREITO I**

---

### **Apresentação**

O XXX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI (Fortaleza-CE), realizado em parceria com o Centro Universitário Christus - Unichristus, entre os dias 15 e 17 de novembro de 2023, apresentou como temática central “Acesso à Justiça, Solução de Litígios e Desenvolvimento”.

Os trabalhos contidos nesta publicação foram apresentados como pôsteres no Grupo “GÊNERO, SEXUALIDADES E DIREITO”. Todos passaram previamente por, no mínimo, dupla avaliação cega por pares. Durante o evento, os trabalhos expostos foram novamente avaliados em dupla rodada, o que atesta a qualidade do conteúdo e promove ricas discussões sobre cada uma das pesquisas. Foram apresentados resultados de pesquisas desenvolvidas em diversas instituições do país, que retratam parcela relevante dos estudos que têm sido produzidos na temática central do Grupo de Trabalho.

Importante destacar a qualidade dos trabalhos apresentados pelos pesquisadores que engrandeceram esse encontro e trouxeram diversidade e pesquisas acadêmicas de bastante relevo.

Espera-se, então, que o leitor possa vivenciar parcela destas discussões por meio da leitura dos textos. Agradecemos a todos os pesquisadores, colaboradores e pessoas envolvidas nos debates e organização do evento pela sua inestimável contribuição e desejamos uma proveitosa leitura!

Prof. Dr. Thiago Allisson Cardoso de Jesus (UEMA/UNICEUMA)

Prof. Dra. Ysmênia de Aguiar Pontes (UNINTA)

Prof. Me. Livio Augusto de Carvalho Santos (UNIMAR)

# **VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER NO ESPAÇO UNIVERSITÁRIO: questões estruturais e desafios a partir do poder simbólico em Bourdieu**

**Thiago Allisson Cardoso De Jesus<sup>1</sup>  
Isabella Maria de Amarante Paixão  
Lucas Rafael Chaves de Sousa**

## **Resumo**

O presente trabalho busca publicizar resultados parciais de pesquisa de iniciação científica desenvolvida no âmbito da Universidade Estadual do Maranhão, por intermédio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico no Maranhão (FAPEMA), cujo ponto central de deliberação reside em apurar a atuação das universidades no enfrentamento da violência de gênero contra a mulher, bem como os principais desafios à construção de políticas e ações que caminhem não só na responsabilização de agressores, mas na proteção à vítima e na conscientização preventiva de toda comunidade acadêmica. Parte-se de um panorama de desequilíbrios e segregações que remontam às estruturas basilares de formação da sociedade brasileira, historicamente marcada pela prevalência de um discurso heteronormativo, que torna silente todas as vozes que não se encaixam nesse padrão hegemônico. Dessa demarcação de vulnerabilidades nasce a violência de gênero contra a mulher, problemática intrínseca nos mais diversos setores sociais e que se perfaz material e simbolicamente. Diante de tal ambiência, indaga-se: Como essa configuração de forças finca suas raízes nas relações institucionais vivenciadas na universidade? Há algo feito pelas instituições de ensino superior que corrobore para encontrar soluções ao enfrentamento da questão? Em âmbito geral, almeja-se compreender a violência de gênero como fenômeno complexo e naturalizado na sociedade contemporânea, investigando seus fundamentos, dilemas e vulnerabilidades. Sob um prisma mais específico, prospecta-se raciocinar sobre o meio acadêmico e as potencialidades de propagação da violência nesse setor, apurando o papel das universidades enquanto vetor para sua prevenção e enfrentamento. A direção metodológica parte das reflexões de Bourdieu (2012; 2010) e da aceção da violência de gênero como simbólica, cuja gênese remonta ao inconsciente individual, local onde as matrizes hierárquicas e discursivas (FOUCAULT, 2013; SAFFIOTI, 2015) já são preestabelecidas em prol da valorização da heteronormatividade, com a consequente definição das condutas e dos corpos passíveis de sofrimento e dor (BUTLER, 2015). Violência esta que, diante de um contexto de hipervulnerabilização no âmbito étnico-racial, é sentida em maior proporção (COLLINS; BILGE 2020) e nas suas diversas facetas – física, psicológica, patrimonial, institucional. A despeito desse aporte bibliográfico, a análise de conteúdo (BARDIN, 2009) e o levantamento de dados foram salutares para imbuir a pesquisa de maior rigor científico. A explanação dos resultados revela que a partir da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, promulgada com o intuito de estabelecer princípios como a dignidade da pessoa humana e da isonomia, os direitos das mulheres passaram por diversas

---

<sup>1</sup> Orientador(a) do trabalho/resumo científico

reformas para a que a igualdade formal entre os gêneros fosse estabelecida na sociedade brasileira. Entretanto, a despeito das disposições e garantias da legislação em prol da equidade, a ambiência fática ainda carece que certos paradigmas sejam quebrados para que haja a real efetivação da cidadania da mulher, uma vez que seus direitos são questionados diariamente, perpetuando a desigualdade material. Segundo Bourdieu (2012), essa violência em seu caráter simbólico é retroalimentada justamente desse panorama díspare que parte das relações de poder estabelecidas na sociedade, evidenciando que a violência de gênero acaba por ser oriunda de um contexto de dominação que é primeiro inconsciente e estrutural, que ganha forma por meio de signos e discursos entranhados no seio das instituições públicas e em todas as áreas da sociedade civil. Na esfera universitária, a violência também possui seus pontos sensíveis e velados de manifestação. As mulheres acadêmicas são coagidas das mais diferentes formas, compelidas a se entenderem como inferiores a seus professores e colegas, estes homens cisgênero e propagadores do ideal heteronormativo. Segundo pesquisa realizada pelo Data Popular/Instituto Avon em 2015, sobre violência de gênero, dentre 1.823 universitários de ambos os sexos, 67% das mulheres disseram já ter sofrido algum tipo de violência (sexual, psicológica, moral ou física) praticada por um homem no ambiente universitário. Essa violência, enquanto caráter dominativo pode apresentar diferentes tipos de coibições e intimidações veladas, como por exemplo: o abuso de autoridade, a violência psicológica, assédio sexual e moral, discriminação, entre outros aspectos subjetivos da violência que são agravadas mediante o cenário do ambiente institucional. Em segundo plano, também traz-se à baila a discussão de Guacira Lopes Louro sobre a violência contra mulheres docentes e em cargos superiores em ambientes de ensino. Para a autora, por mais que se tenha uma concepção da profissão do magistério como prioritariamente feminina, as mulheres ainda sofrem dominação em um ambiente criado primordialmente para expandir os horizontes intelectuais dos homens, vindo assim a passar por diferentes tipos de situações que põem suas capacidades e dignidades à prova. (LOURO, 2003, p. 89). Logo, apesar do constructo ideário da universidade vista como o liame comunicativo da sociedade com o conhecimento científico, por vezes continua sendo o próprio motor das vulnerabilidades. É nesse cenário que se entende sua significância como vetor contra a violência de gênero. Tópico urgente é a reanálise da estrutura do ambiente acadêmico, de modo a propiciar não só uma atuação combativa diante do fenômeno, mas preventiva e conscientizadora. Deve-se reconhecer que o locus universitário não é uma redoma alheia aos mecanismos reguladores de dominação. Nesse sentido, é importante volver o raciocínio para ações afirmativas – elaboradas pelos reitores e pró-reitores em parceria com o Poder Público – que exponham a questão, deem voz às mulheres inseridas na academia, reconheçam as interseccionalidades existentes (COLLIN; BILGE, 2020) e, por conseguinte, movimentem toda comunidade universitária em prol da reparação de desigualdades. Enfim, infere-se que a violência de gênero é um fenômeno intrínseco às bases simbólicas dos indivíduos na sociedade hodierna, que apresenta reais desafios que obstam a concretização da igualdade material e dos postulados constitucionais inerentes à dignidade da pessoa humana. Nesta senda, é fulcral a participação da universidade

enquanto ambiente produtor de conhecimento científico, não só para coibir violências e os extremos da desigualdade. Deve ela interferir positivamente na vivência de muitas mulheres, desde graduandas e pesquisadoras até servidoras, que veem na academia uma oportunidade de quebrantar as barreiras estruturais do sistema e protagonizar os espaços que lhes foram a muito tempo negados; sem se silenciar diante de atos que possam ir de encontro a essa perspectiva.

**Palavras-chave:** Gênero, Violência, Universidade

### **Referências**

BARDIN, L. Análise de conteúdo. 70ed. Lisboa, Portugal: LDA. 2009.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. 16. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 20 dez. 2020.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Boitempo Editorial, 2021.

DATA POPULAR; INSTITUTO AVON. Violência contra a mulher no ambiente universitário. São Paulo: Data Popular, 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2OZ8kQm>. Acesso em: 5 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2013.

LOURO. Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis- RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.